

## Editorial:

É com muita felicidade que apresentamos aos nossos leitores o número 19 da Revista Equatorial, referente aos meses de julho a dezembro de 2023. Nesta edição, contamos com a colaboração de Gabriela Lucena de Oliveira Coutinho, Pablo B. Pinheiro e Vicente de Paulo Sousa que mobilizaram esforços e organizaram o dossiê “Antropologia e fotografia: experimentações e etnografias”. O dossiê nos mostra a força da produção da Antropologia Visual no Brasil e também deixa clara a necessidade de nos reinventarmos, pensarmos em novas formas de expressão e de fazer ciência. Além da apresentação, na qual os organizadores falam mais sobre as relações entre Antropologia e Fotografia, também são apresentados sete ensaios visuais e cinco artigos que se distanciam em termos de temas, mas se aproximam em propostas metodológicas, discursivas e técnicas.

No fluxo contínuo, publicamos um relato etnográfico, dois artigos e duas resenhas. O primeiro artigo é intitulado: “No Gabinete: etnografia, conhecimento antropológico e legitimidade” com autoria de Beatriz Salgado Cardoso de Oliveira e Ana Lúcia de Castro. A partir de inquietações teórico-metodológicas vivenciadas em uma pesquisa feita durante a pandemia de Covid-19, no Baixo Augusta, uma importante região de lazer da juventude de São Paulo, com casas noturnas, bares e comércios alternativos. As autoras buscaram problematizar as atividades que legitimam o trabalho de campo com o objetivo de compreender se é possível produzir conhecimento antropológico sem utilizar a etnografia, já que a “Antropologia é uma disciplina viva e crítica aos seus próprios processos, procedimentos e métodos” (p. 19). Baseando-se nos trabalhos de Tim Ingold, Oliveira e Castro sugerem que devemos ver a etnografia a partir da ideia de descrição e observação detalhada, mas sem confundi-la com a disciplina que a gerou. Para as autoras, o que importa ao antropólogo não é “estar em campo”, mas estar situado e posicionado nos processos em que participa. O trabalho das autoras nos traz insights interessantes para repensar não só categorias, mas técnicas e práticas que parecem ser dadas a priori no fazer antropológico.

Ainda na seção de artigos, temos o trabalho de Clarissa Cavalcanti, estudante vinculada a Universidade de Brasília (UnB), com o título: “Entre sangue e úteros: uma reflexão acerca da potencialidade da pesquisa antropológica sobre a histerectomia”. Este procedimento – que é indicado por diferentes motivos de saúde e adoecimento uterino – consiste na retirada do útero. O trabalho, que foi desenvolvido durante a graduação da autora, buscou, além de apresentar a histerectomia e alguns itinerários terapêuticos até a cirurgia, refletir acerca da potencialidade do tema para as discussões na Antropologia da Saúde e do Gênero. A pesquisa foi realizada a partir de conversas com 15 mulheres que tinham passado pela cirurgia e suscitou questionamentos sobre percepções de maternidade, capacidade de gestar, significado do útero e de sua ausência na vida de cada uma das mulheres. Para acessar esse grupo, a autora acionou sua rede de contatos formada majoritariamente por pessoas brancas e de classe média. Isso, de certa forma, também informou quais mulheres ela conseguiu acessar. Com seus dados, Cavalcanti ressalta, sobretudo, a importância de que sejam realizados estudos interseccionais sobre a histerectomia, com o intuito de evidenciar as particularidades de cada caso, além de pensar em cenários mais amplos de governança reprodutiva no Brasil.

No número 19, temos também a publicação de um relato etnográfico de autoria de Victória Mello Fernandes, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e tem como título: “Seguir a rede judiciária: notas etnográficas sobre a circulação entre burocracias”. Em uma pesquisa de campo que durou cerca de um ano, Fernandes buscou identificar, rastrear e conhecer os atores, práticas e relações que eram estabelecidas no dia-a-dia em espaços burocráticos, mais especificamente, no Foro Central I na cidade de Porto Alegre. Ao seguir o que chamou de Rede Judiciária, a autora nos mostra as práticas que dão sentido às performances vistas naquele espaço, que vão além do que seria considerado estritamente institucional e burocrático. Nesse sentido, para Fernandes, o campo mostrou que muito do que acontece foge da composição de uma ordem burocrática, pois envolve mais do que estereótipos institucionais, moralidades ou doutrinas. Para a autora, os comentários, curiosidades, piadas e risos, também formam esses espaços burocráticos e os atores que circulam ali diariamente.

Para encerrar nosso fluxo contínuo temos a seção de Resenhas. Os dois trabalhos publicados nesta seção são oriundos do nosso primeiro edital de seleção de resenhistas, realizado em 2022. Com o edital, tivemos o intuito de dar visibilidade aos trabalhos que vêm sendo feitos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e que têm recebido destaque no cenário nacional por meio indicações, menções honrosas e prêmios. As resenhas

apresentadas aqui passaram por todo o processo editorial, receberam avaliações de nossos pareceristas e enfim seguiram para publicação. A primeira delas, intitulada “Sobre os laços de família na transição de gênero”, é uma resenha da tese de doutorado<sup>1</sup> de Arthur Leonardo Costa Novo defendida em 2021. O resenhista Alef de Oliveira Lima apresenta a obra de Novo a partir da pergunta: as famílias de Pessoas Trans também transicionam? Tal pergunta é respondida em sete capítulos, que Lima condensa na resenha que apresenta, levantando os principais pontos, conceitos e categorias trazidos por Novo. Na obra de Novo e na resenha de Lima podemos ver como a família é problematizada em termos políticos e sociais, já que “a transição requer um trabalho temporal nas emoções, ao mesmo tempo, exige a abertura à politização ética das expectativas que mães e filhos, filhas e mães, põem sobre suas relações” (p. 6).

Também do edital de resenhistas, temos a resenha de Taisa Lewitzki chamada “Mulheres indígenas Mendonça: autoetnografia e diálogo entre lutas. Este trabalho é uma resenha da dissertação de mestrado<sup>2</sup> de Tayse Michelle Campos da Silva, defendida em 2021 no PPGAS/UFRN, que teve como objetivo apreender os processos de organização e luta política das mulheres Mendonça, que ocupam posições de liderança e têm atuado em diferentes esferas do movimento indígena na região e no Brasil. Na resenha, Lewitzki nos convida a conhecer o Território Indígena Mendonça, localizado nos municípios de João Câmara e Jardim de Angicos no Rio Grande do Norte, onde a representatividade das mulheres é forte. Das seis comunidades, cinco são coordenadas por jovens mulheres indígenas. Campos é uma pesquisadora indígena, pertencente ao povo Mendonça da comunidade do Amarelão e é filha de lideranças do local. Na resenha, Lewitzki nos apresenta não só a obra de Campos, mas também sua trajetória e importância como representante indígena, que desde cedo aprendeu a importância da luta para melhoria de vida de seu povo e de garantia de acesso e mantimento de direitos. Para Lewitzki, a pesquisa de Campos “inspira outras mulheres indígenas a ingressar na universidade e a ocupar a pós-graduação” (p. 10), seja na Antropologia, seja em outras áreas do conhecimento.

---

<sup>1</sup> A tese foi intitulada “Famílias em transição: uma etnografia sobre relacionalidade, gênero e identidade nas vidas trans”. O trabalho de Novo recebeu o prêmio de melhor tese do PPGAS/UFRN em 2021, menção honrosa no X Prêmio de Antropologia e Direitos Humanos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em 2022 e também foi eleita a melhor tese no Prêmio Tabita Bentes dos Santos na área de Antropologia da Saúde em 2023.

<sup>2</sup> A dissertação foi intitulada “Mulheres indígenas Mendonça: cotidiano, resistência e luta por direitos no Rio Grande do Norte”. Recebeu o prêmio de melhor dissertação em 2021 do PPGAS/UFRN e foi indicada como finalista no Concurso Anpocs de Teses e Dissertações em 2022.

Os trabalhos apresentados no número 19 de 2023, aqueles do dossiê e também os de fluxo contínuo, nos mostram a diversidade da produção antropológica e nos engajam a buscar novas formas de pensar, fazer e lutar por direitos a partir de nossas pesquisas. Convidamos cada um de nossos leitores a explorar os artigos, relatos etnográficos, resenhas e ensaios visuais apresentados aqui, buscando inspiração para repensar também seus próprios trabalhos.

Boa leitura!

Hellen Caetano

Doutoranda em Antropologia Social/Membro da Edição Geral  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte